

IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES: PRODUÇÕES IDENTITARIAS E SOLIDÃO NO CIBERESPAÇO

ROBSON ARRUDA DE ARAÚJO- UEPB

Percebendo a solidão não como um sentimento imutável no prolongar do tempo e na diversidade de espaços, cujas formas de manifestação e características estão longe da idéia de unicidade olha-se para a solidão como uma experiência multifacetada, de rastros múltiplos e variados, espalhando-se pelas inúmeras linguagens culturais, como na música; no cinema; na literatura; sendo vista também recitada nos espaços-virtuais, a solidão na atualidade não se apresenta, exclusivamente, dentro dos conceitos tradicionais, em geral negativos, a ela atribuídos.

Dentre as múltiplas formas e lugares com os quais se constroem discursos sobre a solidão, esta pesquisa volta-se para o ciberespaço, que no fim do século XX e início do século XXI tem se promovido como um lugar onde os discursos são ricamente enunciados, perpassando desde assuntos explicitamente cotidianos, tal como a política, a sexualidade e as mais subjetivas manifestações do ser humano, uma vez que a solidão, da forma como aqui é analisada, se expressa e se narra pelos usuários do ciberespaço, quando dizem e expõem de si, de seus afetos, de seus gestos, de seus gostos, de seus desejos, criando um espaço fértil que capitaliza uma cultura da confissão.

Como lugar comum de encontro, dos mais diversificados discursos acerca da solidão, percebe-se nas comunidades do orkut, redes de sociabilidades estabelecidas na cibercultura, que se apresentam em fase de exponencial crescimento.

A heterogeneidade é a marca desse novo suporte de linguagem, em meio deste universo de possibilidades, quase infinito, temos a criação de algumas comunidades voltadas para o intercâmbio de diferentes tipos de leitura.

As comunidades do orkut são documentos/monumentos que nos dão indícios quantitativos e qualitativos, de como se apresenta a solidão no tempo presente.

As especificidades desses documentos nos fazem perceber os acontecimentos discursivos não como práticas desligadas e ilhadas de outras características mais gerais, não se atenta aqui mostrar que esses discursos se justificam por si mesmos, mas,

a análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de suas existências, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado (FOUCAULT, 2007:31)

É inevitável deixar de problematizar a quem se refere esse fazer histórico: Quais são os/as autores/as dessas narrativas? Em que se diferenciam tanto no tipo de escrita, como dos autores de outros tipos de discurso? Quais são as possibilidades de existência desses autores e de seus discursos? Quais as especificidades dos veículos que possibilitam a enunciação desses discursos?

A intencionalidade desta pesquisa se caracteriza em grande medida em outro tipo de produção historiográfica, através dos eventos discursivos, percebe-se a multiplicidade fluida e diluída das identidades, dos saberes, desejos e subjetividades dos personagens escritos nessa história. Os sujeitos aqui são os homens ordinários¹, aqueles obscurecidos pelo véu do comum, são homens e mulheres que ao sentarem em suas cadeiras na frente do computador, seja numa *lan house*, ou em suas residências, buscam expressar uma escrita de si, em seu anonimato.

A dimensão de fontes históricas apresentadas na cibercultura é imensurável, espaço de produção diária de pegadas, que tentamos seguir para uma maior discussão das fontes que sugerimos analisar. Filmes, músicas, espaços preparados para determinadas discussões, é no ciberespaço demonstrado. Desta maneira, alargamos no decorrer da pesquisa nosso olhar em relação a determinadas fontes, para que com isso nos aproximemos, ainda mais, dos nossos objetivos. Ao pesquisarmos em alguns sites, possíveis fontes para debatermos a solidão, encontramos alguns curtas-metragens que oferecem uma elaboração imagética /discursiva a respeito da solidão, do individualismo, do lugar da cibercultura em nossa vida cotidiana.

¹ Ver Certeau, Michel de. A invenção do cotidiano, 1994.

O ciberespaço também se caracteriza como um espaço de solidão, muitas vezes indivisível, individualizável.

O sujeito que se propõe a utilizar esse espaço, a critério de relacionamento, acaba não só promovendo uma fuga exaustiva de sua solidão, mas paradoxalmente a manutenção dela. A internet é um espaço gigante, quase que universal, de solidão em comunhão, ou no mínimo de anunciação (negando ou afirmando) da solidão.

Essas problemáticas emergiram no decorrer da pesquisa, e como suporte teórico, buscamos o dialogo com a sociologia, filosofia e alguns teóricos da comunicação.

Zygmunt Bauman, ao analisar a relação de proximidade e distancia virtual, diz:

o outro lado da *proximidade virtual* é a *distancia virtual*: a suspensão, talvez até a anulação, de qualquer coisa que transforme a contigüidade virtual em proximidade. A proximidade não exige mais a contigüidade física, e a contigüidade física não determina mais a proximidade. (BAUMAN, 2004: 81)

O fenômeno da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais constantes e banalizadas, seguindo os rumos dos dias modernos, mais frenético, intenso e efêmero. As conexões tendem a ser mais intensamente breves e banais para se transformarem em laços.² De todo modo que a solidão por traz das portas fechadas do quarto com um computador em sua frente, pode parecer uma situação menos arriscada do que compartilhar vivencias em comum, numa proximidade efetivamente física.

Por outro lado, há teóricos da comunicação, como Ciro Marcondes Filho, que debate o paralelo do mundo da comunicação. Por um lado a comunicação esta por toda parte, os meios se multiplicam, mas o que o autor, em fase inicial, começa a mostrar, é a dificuldade da efetivação desta comunicação, segundo Marcondes Filho (2004: 7)

As pessoas continuam a achar que sua maneira de ver o mundo, seus sentimentos, suas angustias, são fatos internos, íntimos, incomunicáveis. Que, apesar do volume imenso de aparelhos posto a nossa disposição (...) a vida de cada ainda é uma caixinha fechada, um universo oculto, um mundo trancado.

² Ver: Bauman, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004, p.82.

Num tom um tanto pessimista, Marcondes Filho nega a existência efetiva da comunicação, observando, por exemplo, que a troca e mensagem na internet é uma falsa comunicação, negando dentre outras coisas, a multiplicidade do homem contemporâneo, denunciando a sociedade de massa, dizendo o que existe é a repetição, um mundo onde só pronunciamos a mesma fala.

Percebemos essas novas modalidades de subjetividades e sociabilidades com relação à comunicação ou aos novos meios de relacionamentos, nos apropriando do pensamento de Pierre Levy, este autor que vem debatendo nos últimos anos questões pertinentes à cibercultura e a virtualidade, nesse sentido Levy atenta perceber alguns desdobramentos provocados pela virtualização nos dias contemporâneos, mostrando que não só a comunicação e a informação foram afetadas por tal processo, mas também os corpos, os quadros coletivos e de sensibilidade ou mesmo o exercício da inteligência. Mas Levy levanta-se contra as teorias de fundo “castatórficas” dizendo que não atenta perceber na virtualização um elemento bom, mal ou neutro, mas um movimento de devir - outro:

Antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda sua amplitude a virtualização. (LEVY, 1996: 12)

Desta maneira, tentamos perceber em primeiro momento as especificidades do objeto em estudo, pensar a virtualização, a Internet, o ciberespaço não se lançando “às cegas a elas”, mas buscando compreender seus funcionamentos, suas representações, suas significações no âmbito social e cultural.

Diante dos documentos-monumento aqui discutidos, surgem novos tipos de autores(as), diferenciados de outras ordens do discurso, onde os autores são regras, como o discurso literário, ou o discurso científico. Mesmos estes não desempenharam sempre o mesmo papel na história, na ordem do discurso científico a atribuição a um autor na Idade Média era um indicador de verdade, porém “desde o século XVII essa tendência não cessou de enfraquecer, no discurso científico o autor só funciona para dar um nome a um teorema, um efeito, um exemplo, uma síndrome” (FOUCAULT, 1996:27), por outro lado a importância que o lugar no qual o autor do discurso literário ocupa, a partir da mesma época, não pára de se reforçar.

Diferenciando-se desses autores, emerge um novo tipo, que não é comumente referido como “posicionado” em um lugar de verdade, pelos discursos que proferem. Isso, em geral, por estarem em um lugar que é intitulado como “saber comum”, empiricamente constituído, ou mesmo estando fora deste saber comum são ofuscados atrás do desejo ou da possibilidade do anonimato. Essas comunidades acabam por agregar os mais heterogêneos sujeitos, abarcando com uma pluralidade de lugares sociais, conectados em uma rede de sociabilidades, sujeitos estes, distanciados uns dos outros, no esforço de um *click*.

Mesmo estes autores tendo a possibilidade de explicitar uma identidade “una” e irrevogável, já que há ferramentas proporcionadas pelo Orkut, para tais realizações, o que se ver nesse espaço são identidades líquidas, o que se registra são formas de escritas de si. Os perfis do Orkut registram o ser e estar no mundo dos usuários, até o momento em que este ser/estar no mundo mudar, e com isso nomes, qualidades e intencionalidades (são registradas no perfil do orkut) mudam também. Esse novo tipo de autor é inserido na ordem da multiplicidade, e como se referir a uma personalidade se essa, daqui a um mínimo de tempo pode não existir? A emergência desse autor segue a tendência da indiferença contemporânea, onde cresce um deserto, uma deserção em massa, que transforma o corpo social em um corpo enxágüe em um organismo semi-desativado. Como afirma Gilles Lypovetsky (LIPOVETSKY: 2005:20) “O deserto não mais se traduz pela revolta, o grito, o desafio da comunicação; nada além da indiferença pelos sentidos (...) uma ausência inelutável, uma estética fria da exterioridade e da distância, mas não do distanciamento.”.

Elizabeth Roudinesco analisa questões como o culto de si, apesar desta autora analisar em específico esse fenômeno nos Estados Unidos, principalmente na sua costa Oeste, podemos, nos apropriar do saber por ela produzido, para entender o nosso objeto, já que a globalização econômica e cultural divulga algumas características para todo o mundo, como o já citado “culto de si”, para Roudinesco:

O culto de si diz respeito ao mesmo tempo ao arquivo e a psicanálise, e, mais precisamente, ao surgimento, durante o último quarto de século, nos E.U. A, essencialmente, de uma cultura do narciso ou culto de um arquivo de si. (ROUDINESCO, 2006:51)

Elizabeth Roudinesco vai a partir da ilustração de Narciso, perceber, como os próprios psicanalistas e psicólogos, a sociedade como sociedade narcisista. Essa “cultura do

narcisismo” têm duas marcas profundas, o culto de si e o cuidado terapêutico, este segundo que vem se multiplicando no decorrer dos anos, existindo uma fabulosa explosão de terapias modernas.

Observa-se, portanto, que quanto mais o mundo é unificado por uma economia de mercado, e, portanto pelas ilusões de uma universalidade enganadora, mas a afirmação narcísica progride, como manifestação de uma pretensão do eu de se diferenciar da massa para melhor se adaptar a ela: movimento estranhamente paradoxal. (ROUDINESCO, 2006: 53)

Assim, é inventada uma série de tecnologias de “escape”, são produzidas comunidades virtuais, onde o anonimato é garantido, ao passo que as relações com o(s) outro(s) são mantidas, mesmo sem o contato físico. Gomes (GOMES, 2004:20) afirma que “o ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro”.

O estabelecimento dessa rede que congrega uma prática cultural que inventa novos espaços de institucionalização da leitura põe em circuito uma das tensões próprias de nossa historicidade: o embate entre os afetamentos de fazer parte de uma comunidade e a demarcação acentuada da individualidade. O orkut como um todo, em suas duas características já citadas, se estabelece nesse conflito.

Bauman trata de alguns delineamentos dessa tensão.

Uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. “Identidade” significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singularizar – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E, no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentadas e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. (BAUMAN, 2000:21)

Desse modo, o espaço que as comunidades do Orkut ocupam, é um espaço onde as relações de identidades do usuário com o próprio ciberespaço se fazem presente, as comunidades do Orkut são esses “cabides”, que são pendurados os medos e as ansiedades dos usuários, como sugere Bauman na citação a cima. Diante desse pressuposto,

encontramos casos que alguns usuários das comunidades em questão, caracterizam seus anseios e suas intencionalidades frente aos espaços virtuais que estes ocupam.

Um anônimo no dia 14 de outubro de 2006, descreve a comunidade “Sozinhos na multidão” como uma comunidade perfeita “a descrição dessa comunidade descreveu exatamente o que eu tenho sentido ultimamente...”³. Em resposta a esse tópico Alice Povoas diz:

aff
perfeita mesmo
sou rodiada de amigos e amigas
tenho uma ótima família
mas..
não sei
parece que falta alguma coisa, não sei se é a falta de uma nova amizade
ou num sei
o que sei é que mesmo rodiada de amigos no colégio nas festas eu me
sinto sozinha
como se não tivesse ninguém ali comigo, como se ninguém prestasse
atenção
em mim
foda =/ ⁴

Tanto a descrição da comunidade, apontado pelo nosso anônimo citado a cima, como a foto ou mesmo o título, como sugere um outro anônimo na comunidade “solidão é a porta para a loucura”⁵, nos permite perceber tanto uma das fortes características que ocupam o ciberespaço na sociedade contemporânea, tais espaços atuando também como lugar de fomentação de identidades e uma espécie de refúgios para ansiosos e assustados, onde se realizam exorcismos em companhia de outros indivíduos, como pensa Bauman.

Além desta questão, os discursos dos dois anônimos e de Alice, nos possibilita pensar alguns artificios disponíveis nas comunidades do Orkut, artificios que delimita o espaço de

³ Disponível em: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=2041840&tid=2492752791869016380>.
Acessado em: 05/07/2008.

⁴ Disponível em : <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=2041840&tid=2492752791869016380>.
Acessado em: 05/07/2008.

⁵ Disponível em:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=19991264&tid=2500214378458195411>
Acessado em 05/07/2008.

interpretação com relação a dispersão do sujeito contemporâneo, pois ao falarmos que o ciberespaço nos habilita ler um sujeito em um eterno devir/outro, pensamos também em cartografar alguns espaços de atuações destes sujeitos, ou mesmo situar os indivíduos de acordo com algumas questões não tão dispersas a ponto de lhes negar qualquer possibilidade de situar os lugares sociais e culturais. Portanto, percebemos que as comunidades do Orkut têm muito a nos dizer dos gostos, dos hábitos, dos regimes culturais, dos espaços de atuação social dos indivíduos, nas crenças e descrenças dos usuários. Um eu enquanto uma exterioridade em constante processo de mudança, mas mesmo na mudança, alguns espaços são ocupados, e tais espaços dizem respeito a algumas questões ligadas aos discursos que estamos nos predispondo a questionar. Dessa maneira, assumimos uma metodologia de cartografia deleuzeana, onde nos propomos pensar o indivíduo em sua descontinuidade, mas também percebendo os lugares que estes ocupam como questão pertinente a problematização dos próprios discursos.

Os discursos que se insinuam nesses espaços retratam uma forte perspectiva emergente na contemporaneidade, o da escrita auto-referencial, a escrita de si.

Pode-se olhar, desta forma, para os enunciados discursivos encontrados nas comunidades do orkut, como uma escrita de si. A escrita auto-referencial integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar de produção de si no mundo moderno ocidental. Como exemplo dessa cultura da escrita de si, escolhemos a história de um anônimo, que conta suas experiências de solidão, que ao mesmo tempo nos fornece discursos sobre solidão, e legitima essa narrativa de si.

eu não consigo um namorado de jeito nenhum. os homens me odeiam!
sou uma solteirona encalhada, sou muito feia e os homens acham isso!
meu ex namorado me abandonou, e não sei por que, eu sempre fui boa
para ele, eu o amava demais e era muito apaixonada! só tive ele de
namorado e comecei a namorar velha, com 20 anos.
além disso, sofri bullying no colégio e na faap (as meninas da faap não
faziam amizade comigo apesar de eu tentar tanto...) e tá difícil esquecer
isso!⁶

⁶ Disponível em:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=13206163&tid=2517228436105275611&st art=1>. Comunidade visitada em janeiro de 2008.

Esse depoimento anônimo expressa o lugar de uma pessoa que se define como solitária, indicando certos indicativos físicos que para muitos pode ser a causa da solidão. Mas o que nos impressiona nesse depoimento é essa narrativa de si, o fato de sua experiência de “bullying”, de expressar sua lamentação no que diz respeito a seu estado de “solteirona”, além de indicativas de solidão, nos mostra essa peculiaridade do objeto estudado. A autoria anônima é possibilitada pelo Orkut, que oferece oportunidade de anonimato.

Outro escrito, desta vez assinado, nos mostra a singularidade de nosso objeto, vejamos o escrito de Maria de 02 de maio de 2007,

sou casada a 18 anos tenho filhos,um marido lindo e maravilhoso, mas tenho um grande problema nunca to feliz com nada,a solidão de uma certa forma faz parte da minha vida,me sinto bem quando estou sozinha no meu mundo onde só existe eu.até remedio pra depressão ja tomei mas não adiantou.tomem cuidado com esse lance de solidão pode ser muito sério.⁷

A família, lugar tradicional de conforto está se transformado, está, nos dias atuais, se transformando em uma instituição falida, um lugar de compartilhamento de individualidades. Paul Auster em meio as de memórias de sua infância, e sua relação com seu pai, descreve com leveza e sensibilidade parte de seu drama familiar:

A recordação mais remota: sua ausência. Durante os primeiros anos de minha vida meu pai saía de casa todo dia de manhã, antes de acordar e voltava para cama, muito depois de eu ter sido posto na cama(...) Passávamos muito tempo juntos, ela (a mãe) com a sua solidão e eu com minhas cólicas, aguardando com paciência no consultório do médico(...) (AUSTER, 1999: 28).

Auster tal como Maria escrevem além de experiências de solidão, do drama de existir em família, narram histórias de si, Auster autor de outros livros, conhecido escritor, narra suas memórias, com relação a seu pai. Maria, pessoa comum, que nem ao menos poderemos conferir seu nome em critérios oficiais, pois o nome no orkut é flácido como as identidades ali constituídas, narra o drama da sua solidão, deixa suas pegadas na história em

⁷ Idem

forma de poesia do cotidiano, recorta a si mesma. Apesar de ocuparem lugares diferentes, Auster e Maria se aproximam em varias coisas. São escritores de si.

A escrita de si, ver sua emergência histórica no século XVIII, quando homens e mulheres “comuns” fazem cada vez mais deliberamentos de si na história. Sobre esse processo Gomes fala:

Um processo que é assinalado pelo surgimento, em língua inglesa das palavras biografia e autobiografia no século XVII, e que atravessa o século XVIII e alcança seu apogeu no século XIX, não por acaso o século da institucionalização dos museus e do aparecimento do que se denomina em literatura, romance moderno.(GOMES, 2004:10).

Esse processo foi longo e complexo, prolongando-se durante o século XX, ressignificando-se com as transformações ocorridas na comunicação, inicialmente com o telefone e depois com o e-mail. Esse processo chega no final do século XX e no início do século XXI, tendo como desdobramento a intensificação e a crescente valorização da cibercultura, onde os ciberespaços como *blogs* e *orkut*, sendo espaços ideais para a escrita de si.

Entretanto, Ângela de Castro Gomes afirma que,

(...)o tema da verdade como sinceridade, como ponto de vista e de vivência do autor do documento, foi situado e discutido de maneira contundente. Isto por que a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de suas linguagens, constituindo sobre ela a sua verdade. (GOMES, 2004:14)

Toda essa documentação de produção do eu é marcada pela busca de um efeito de verdade que se constitui pela primeira pessoa do singular. Assim, esses documentos/monumentos não tratam de dizer “o que realmente aconteceu”, ou “o que realmente é”, mas dizer o que o autor viu e experimentou, ou pelo menos uma criação discursiva, onde é homenageado alguns significados passíveis de análises. No momento presente da pesquisa, ao questionarmos a relação do escrito com relação a sinceridade e verdade do sujeito que escreveu, nos encontramos impossibilitados de verificar tais critérios. O que se pergunta a esses documentos não é se o que esta sendo escrito é verdade, mas sim: o que está sendo escrito? Quais são os conceitos, os significados emanados nesses discursos ligados a solidão? E a que eles são veiculados, quais são as determinações sociais

e culturais que possibilitam a emergência dos mesmos? Desta forma, sabendo que a relação com do historiador com o documento, é uma relação de problematização, o documento não é algo dado e acabado, ele é no fundo uma construção do historiador, desta forma, na ordem dos discursos analisados e em suas relações com o objeto, nós nos propomos a prestar atenção nos significados catados nos documento analisado, fazendo as perguntas à cima descritas.

Ao analisar os discursos proferidos sobre a solidão nas comunidades do orkut, percebe-se que esses discursos são materiais, são acontecimentos, não percebemos aqui o discurso como exclusivamente signos.

Renunciaremos, pois, ao ver no discurso um fenômeno de expressão - tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de singularidades para diversas posições de subjetividades. O discurso assim concebido, não é uma manifestação, majestosamente desenvolvida de um sujeito que pensa que conhece e que o diz: é ao contrario, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo, é um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (FOUCAULT, 2007: 61)

Esse complexo mundo de leitura, formada pelos fóruns de debates das mais diversas comunidades, sendo a solidão tema principal, possibilita perceber a heterogeneidade presente nessas práticas de individualização, em que atua essa pluralidade discursiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTER, Paul. *A Invenção da Solidão*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998

FILHO, Ciro Marcondes. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LEVY, Pierre. *O que é virtual?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Análise e o Arquivo*. Jorge Zahar. Ed: 2006.